

Pergunta curiosa e sempre oportuna de um distinto e estudioso confrade de Tamoio, para solução à insistente indagação de um seu amigo, ofereceu-nos ensino à rápida e generalizado estudo sobre a velha e debatida questão do homem e dos animais, suas relações e seus destinos.

Defrontamo-nos, mais uma vez, com o gigantesco problema evolucionista, pedindo a solução do destino da criação e dos seres. O homem, ser pensante, toma posse da realidade, observando o que existe, o que vive e o que pensa. Estes três aspectos encerram os enigmas fundamentais da matéria, da vida e da consciência. A velha concepção de seres inertes e seres vivos já era conhecida desde Aristóteles, mas a clássica divisão dos três reinos, parece, foi estabelecida em primeiro lugar pelo alquimista Colleson, em 1645.

Lineu consagrou a divisão dos três reinos, estabelecendo para cada um os caracteres seguintes:

Esse Viere Sculptre
Mineral Vegetal Animal
Conforme o grande naturalista sueco, ainda diz:

Mineralia sunt,
Vegetalia sunt et crescent,
Animalia sunt, crescent et sentiunt.

Surge agora a preocupação de certos naturalistas de não misturarem o homem com os outros animais, criando um reino aparte, o do *homo intelligent* (*homo sapiens de Lineu*), que se retrata ainda hoje nas classificações elementares, na velha divisão de animais em irracionais e racionais.

Não vamos entrar no estudo da inteligência dos animais, o que seria bem interessante e para cuja demonstração poderíamos apresentar uma série de fatos, alguns extraordinários e de observação positiva. Desde a menor expressão de vida até o ser aprimorado da criação vai encontrar a ciência uma série ininterrupta, sem solução de continuidade, mostrando que todos os seres apresentam uma relação de continuidade, formando uma unidade e um todo. Foi o que levou Aristóteles a dizer: *Natura non facit saltus*. — A natureza não dá saltos. Este elo e a observação deste encadeamento maravilhoso serviram de inspiração aos naturalistas como Lamarck, Geoffroy, Saint Hilaire, Wallace, tendo à frente o grande Charles Darwin, para a elaboração da teoria evolucionista da origem das espécies. O homem, na sua essência, não é inteiramente diferente dos e dos seres inferiores. A Igreja recusando dar uma alma aos animais, cometeu um grande erro, colocando nas mãos dos materialistas uma poderosa e decisiva, pois as provas apontadas na espécie humana para a demonstração do princípio anímico, a alma, se encontram nos animais, ao ponto de que a negação do princípio anímico dos chamados irracionais, *ipso facto*, estaria provado a ausência no homem. Veja, caro leitor, em que situação a cousa se mostra e em que dificuldade se colocam os nossos irmãos católicos e protestantes, dando ganho de causa à ciência materialista. Não foi por outro motivo que um colega médico jogou meter-nos em uma intalação, perguntando-nos se a galinha tinha alma.

A questão dos animais e o homem é profunda e apresenta inquietante incógnitas que reclamam pronta solução.

O Espiritismo, ciência racional, tem como alicerce e de pé que o homem por seu corpo e espírito participa do animal, passou pela fiação ininterrupta da série animal, em marcha progressiva, aperfeiçoando o corpo através das espécies, elaborando e aprimorando o princípio anímico, até atingir a alma própria, dita ou espírito... Este pensamento é lógico, sensato e justo. De propósito, empregamos a expressão — princípio anímico — para que se compreenda o progresso que o elemento imortal sofre através a evolução, elaborando-se e se formando, até atingir o homem. «As bestas em anjo se aprimoram», disse Victor Hugo. Em linguagem clara e acessível, dizemos: os animais têm um princípio imortal, uma alma que se aperfeiçoou através dos tempos, até atingir o eu espiritual do homem. Há uma série vigorosa de fatos que vem corroborar em favor desta afirmativa; pomos em relevo, apenas, que é esta a única solução ao estonteante problema do sentido da vida dos animais e a razão de ser de seu sofrimento.

Matéria e espírito progredem e avançam para o infinito. Já nesta arrojada concepção vamos bater no princípio das cousas e estabelecer a singular concepção de que matéria e o princípio anímico tenham uma só e única origem, sendo a criação não uma dualidade — força e matéria, ou sobre outro aspecto mais elevado — a forma e o princípio de vida — mas sim uma única coisa, uma unidade, dando assim razão aos partidários da doutrina unicista, com a condição de que aceitem o princípio imortal. Em suma: o homem depende da forma e dos seres vivos inferiores, representando o degrau mais alto na escala evolutiva da vida. Oliver Lodge vai ao ponto de indagar se a matéria e o espírito não têm a mesma origem, sendo uma transformação aprimorada da outra, até aquisição da individualidade e consciência.

Admite o espírito a doutrina reencarnacionista, como única capaz de explicar o sentido das existências, não aceitando jamais que o homem possa voltar às espécies inferiores, vir a ser um animal, segundo a vulgar expressão, visto como na marcha da vida não há retrogradação.

Pitágoras ensinava a metempsicose ao vulgar, reservando os conhecimentos superiores da reencarnação aos iniciados. Que os animais tenham um princípio imortal, ou uma alma como se queira dar o termo, não parece haver dúvida. Princípio de vida que se desenvolve e se aperfeiçoou até o homem. E sob esta luz a existência animal adquire um sentido de valor e encontramos explicação razoável para o sofrimento dos nossos irmãos inferiores, sofrimentos muitas vezes dolorosos e cruéis que nos inspiram dó e piedade. Ao passo que a doutrina que nega o princípio imortal aos animais jamais poderá resolver estas crueis incógnitas que põem em cheque a presciência, sabedoria e misericórdia de Deus, anulando por isso mesmo a sua própria existência. Tem o animal um princípio inteligente, consciente, racional, que evolui até o homem, na marcha gloriosa para o Criador.

São os nossos irmãos menores, como dizia S. Francisco de Assis, e a eles estamos presos por zelos e obrigações, contribuindo para sua evolução.

T. Novelino

Profa. Marília Ferreira M. Barbosa

Em Nova Iguaçu, após longa enfermidade que zombou de todos os recursos da ciência médica, desencarnou Da. Marília F. Machado Barbosa, digna companheira de nosso querido e preclaro colaborador — Leopoldo Machado.

O passamento da distinta confrade se deu à 13 de setembro naquela cidade e foi motivo de justo pesar em toda a família espírita brasileira, onde a educadora Da. Marília era tida como figura de real mérito pelo que pregava e praticava.

Foi ardorosa propagandista da Doutrina e sempre procurou acordar no espírito da mulher os deveres religiosos, em o ritual que os disvirtua.

Entusiástica pelas questões de assistência social, fundou em Nova Iguaçu, o «LAR DE JESUS», cujo programa é dos mais perfeitos pela orientação disciplinar em correspondência com os princípios cristãos.

Cerca de 50 crianças recebem, nessa Casa, a educação aprimorada, carinho maternal e abrigo espiritual. Tanto era querida a diretora do LAR DE JESUS, pelas abrigadas dali, que tratavam-na, com respeito, «Mãe» Marília. Ao seu sepultamento estiveram presentes as representações gradas da cidade, bem como de todas as entidades espíritas do Rio de Janeiro e diversos estados.



Redação: Rua José Marques Garcia, 451-flores; Rua Campos Sales, 929-C. Postal 65-FRANCA

Diretor de 15-11-927 a 21-6-942: José Marques Garcia

Diretor: Dr. Tomaz Novelino — Gerente: Vicente Richinho — Redator: Dr. Agnelo Morato

ÓRGÃO DE PROPRIEDADE DA CASA DE SAÚDE ALLAN KARDEC

Ano XXII
N. 823

NÃO QUERO O TEU DINHEIRO! — JOSE RUSSO

As palavras que ouvimos ao passar por uma viela frequentada por desventuradas mulheres, foram proferidas por uma jovem de porte esbelto, trajando elegantemente, cabelos castanhos e graciosamente ondulados. Sob a luz mortua que descia de uma lâmpada do alto de um poste de ferro, o estranho casal discutia questões de amores mal compreendidos, intercalando o diálogo com frases injuriosas onde a indignação recalcada explodia em termos de ódio mal contido. A mulher, presa nas garras de um desespero desvalizado, gesticulando em toda a extensão dos braços desnudos, dava à língua sem a menor parcimônia e sem o mais leve resquício de pudor. Pedía, implorava, exigia; e o homem, um tanto acovardado, também implorava em surdina à amante que reduziu o tom da voz, falando-lhe qualquer coisa em segredo. Foi então, que ouvimos, destacar-se dentre a avalanche de impropérios, a frase acima: «Não quero o teu dinheiro»...

Seguimos o nosso caminho e aquela frase, significando desprezo pelo dinheiro, acompanhou-nos até nossa residência. Registramos as palavras daquela mulher, e ficamos a descobrir qual a razão pela qual recusara dinheiro ao amante, dinheiro que representa a luz mortua que alimenta a miséria das decádas.

Dias se passaram, não sabemos quantos. Semanas rolaram monótonas na sua repetição indefinida, levando em cada dia uma gota de vida, um sonho desfeito, a sombra de uma esperança, uma lágrima que não tornará jamais à fonte.

E a vida prossegue, os dias nascem e morrem, e com eles morrem as criaturas aliadas do sofrimento, e nascem outras buscando a felicidade que faz chorar e faz sofrer em troca de uma lagulha de alegria, de um instante de ilusão.

Em dias deste mês, por uma coincidência que «desce do além» no verbo fulgurante de

Ao espírito ora liberto nos votos para que se reintegre de novo na Luz que emancipa os espíritos eleitos do Senhor e que volte ao trabalho de estímulo a esses problemas árduos de educar e amparar a criança abandonada.

Ao velho amigo e bom companheiro prof. Leopoldo Machado — nossa solidariedade fraternal e que encontramos nos seus afazeres ainda nobre na Terra, compensação pela partida de sua dileta amiga e companheira.

Castro Alves, encontramos a desditosa jovem ostentando clamorosa ruína física e moral. Era de fato a mesma criatura que discutira tempos atrás com o amante em plena rua, e que proferira aquela recusa vibrante ao homem que, por motivos então por nós desconhecidos, lhe ofertara dinheiro para calar-se.

Dinheiro! Gázua que abre as portas, mola poderosa do progresso humano, veículo de conquista e perdição, agente da ambição e do crime do suborno e da decomposição moral das sociedades! Dinheiro! Remédio que cura e mata, que santifica e degrada, que corrompe e eleva!

Dinheiro! Adversário do pobre que na ansia para vencê-lo morre sempre na miséria! Amigo do grande, aliado do poderoso, rameira que se roça ao aceno de seu possuidor, dele se utilizando como passivo escravo à execução de todos os caprichos!

Foi o dinheiro a causa da perdição da infeliz jovem, que agora amarga penitências sem conta, caminhando dentro da vida na incerteza dos sonâmbulos para um calvário que se aproxima de sua noite de desilusões!

Frente à frente, longe de ouvidos estranhos, nos inteiramos da história amorosa da jovem que recusara dinheiro do homem intimido pela repercussão de possível escândalo.

Chorou convulsivamente. Aproveitamos a emoção de tantas lágrimas represadas para um exame mediculoso da infeliz Madalena.

No máximo 30 anos. Olhos castanhos, cabelos desleixados, faces debotadas, expressão vaga de uma beleza em agonia lenta. Vestes baratas, ausência de colares, anéis e qualquer joia falsa. Sapatos de longo uso, exibindo, em resumo-pobres, miséria & companhia!

Recobrando alguma serenidade e animada pela confiança que lhe despertamos, narrou a seguinte história:

«Conhecemo-nos à cerca de 5 anos. Bem tarde compreendi minha irremediável situação. Sempre prometendo regularizar nossa união, o tempo foi passando e o infame evadiu-se do assunto fazendo novas promessas. Não mais podendo ocultar ou dissimular, aceitei o convite para acompanhá-lo. Viajamos. Visitamos diversas cidades, algumas capitais e até estações balneárias. Nunca soube de onde lhe vinha o dinheiro, sei apenas que sua carteira estava sempre recheada. Satisfazia com invulgar predileção a todos os meus desejos e todos os caprichos que o dinheiro solucionava de pronto. De quando em vez

ausentava-se por algumas semanas, alegando prover alguns negócios, porém, nunca soube de que gênero eram tais negócios. Negava-se a confessar sua vida e seus antecedentes. E assim, esperando remediar uma situação humilhante, vim a saber que o miserável era casado. Não pude abafar o meu desespero, e só então avalei a profundidade do abismo cavado a meus pés. Abordando-o, obtive fartas negativas, procurando sanar a falta com dinheiro, como se este pudesse salvar-me da ruína e da deshonra. E foi então, naquela noite, logo que nos encontramos, pois havia chegado de uma de suas periódicas e misteriosas viagens, exigi-lhe energicamente o cumprimento de suas promessas, já que as informações de seu estado civil eram falsas, — segundo não se cansava de jurar, — o infame, como sempre fazia, ofereceu-me dinheiro para acomodar-me à situação. Então, no auge da indignação, sem medir consequências, gritei-lhe numa explosão de ódio e de vergonha: basta de farças, miserável, traficante da moral, sedutor canalha, basta de mentira, basta de acalantar-me com o teu ouro, talvez adquirido com o suor alheio, vigarista de baixa classe, basta de embuste, velha-co, — não quero o teu dinheiro!...

Naquela noite rompemos o nosso convívio clandestino e ilegal sob todos os aspectos sociais. Daí por diante cuido de minha vida conforme o destino traçara...

Dele soube mais tarde que era casado no sul do país e que estava numa penitenciária cumprindo sentença por crimes de furto, e que a tantas outras havia seduzido. Fui vítima e pago a minha levandade...

Silêncio. Esperamos o prosseguimento da história, porém as lágrimas não lhe permitiram continuar. Tomamos a palavra e fazemos longos minutos, procurando em cada um deles amenisar a desventura da jovem, incutindo-lhe na alma tantas probabilidades perante sua consciência. Levou de nossa parte a perspectiva de uma reabilitação desde que a sua vontade cooperasse eficientemente, pois de si própria dependia o seu reerguimento moral, relegando ao esquecimento as nódoas do passado e esforçando-se para reintegrar-se na vida honesta e laboriosa. E a mulher que desaperosa o dinheiro do opórbrio e da degradação, d'agora em diante irá conquistá-lo com o trabalho, derramando o suor de seu rosto...

Seção da Mocidade Cultural Espírita de Franca

Homenagens ao Codificador...

Homenagando a figura inesquecível do Codificador da Doutrina Espírita — Allan Kardec — a Mocidade Espírita de Franca realizou um piquenique, que teve lugar no recinto da Exposição Agro-Pecuária. A Mocidade realizou sua habitual reunião, ao ar livre. Faltou sobre o advento do espiritismo o confrade Mário Nilton, tendo o nosso mentor, Agnelo Morato, feito propositiva palestra sobre a figura do Mestre Kardec, cujo 145.º aniversário estamos comemorando. Mirian Louise abordou o tema: «Valorize o tempo», Jacira Barbosa, Luiz Ferreira e Leane Engrácia leram-nos fatos espíritos.

Ficamos muito satisfeitos pelo campo. Houve disputa da partida de barriol e outros sadios divertimentos. À tarde, regressamos do magnífico passeio, onde não faltou muita alegria, fraternidade e reverência do nosso espírito.

Em sua habitual sessão do dia 3 do corrente, o Grêmio Espírita, antes da parte prática, prestou homenagem a Allan Kardec, tendo o confrade Olavo Rodrigues traçado ligeira biografia do grande filósofo francês a quem devemos a codificação da doutrina da Terceira Revelação.

Natal da Criança Pobre...

Estamos empenhados em promover o Natal da Criança Pobre, fazendo distribuição, nos próprios lares pobres, de roupas, brinquedos e doces.

Fazemos um apelo aos corações generosos no auxílio de nos encaminhamos contribuições em dinheiro, roupas, calçados, etc., a fim de podermos proporcionar um natal alegre aos pequeninos pobres de nossa cidade. É que bela oportunidade de comemorar o natal de Jesus! E dando aos pequeninos que melhor viveremos o maior dia do mundo cristão.

Campanha da Poltrona...

Aqui estamos para fazer novo apelo às Mocidades e Centros Espíritas. Pretendemos encerrar nossa campanha no fim do mês. Assim é que solicitamos aos nossos irmãos das Mocidades e Centros que já tenham arrecadado alguma importância destinada à refração

campanha, que no-la remetam até o fim do mês em curso, pois que já entramos em negócio com uma fábrica. E aqui deixamos, também, o nosso melhor agradecimento pela boa vontade, compreensão e cooperação que vimos recebendo por parte dos amigos e confrades. De cruzeiro a cruzeiro faz-se um milheiro. Com a contribuição generosa de todos conseguiremos mobilizar o magnífico estabelecimento de ensino espírita que é o «Educandário Pestalozzi». Se espiritismo não é obra de educação, ajudemos a concluir o «Pestalozzi» que preparará a criança dando-lhe instrução segura e educação cristã.

Contribuições...

Destinadas à Campanha da Poltrona recebemos mais as seguintes contribuições: de Igarapava: Loja União Igarapavense, 300,00; Antonio Arantes, Wálid Matias, Antonio Marçal, Waldomiro Dalmasio, Kahl Adala Saad, José Marçal Neto, João Marçal Vieira, Antonio Ferreira Filho, todos com 150,00 cada; por intermédio do sr. Chibele Aidar, 355,00; Badih Aidar, 100,00; Miguel Said Aidar, Chafie Aidar, Elias Salomão Aidar, Aidar & Irmão, Feres Aidar, Antonio Nassif Aidar, João Feres Aidar, todos com 50,00 cada; de Franca: Alberto Ferrante, 150,00; Mocidade C. Espírita de Franca, 1.233,00. Oportunamente publicaremos outros donatários. Aos contribuintes os nossos agradecimentos e votos de muita paz e alegria.

Desencarne...

Desencarnou a 16 de setembro p.p. Da Marília Barbosa, esposa do prof. Leopoldo Machado.

Pretendíamos, com palavras nossas, dizer da saudade que Da Marília deixou no coração de todos nós. Ainda há poucos dias o presidente da nossa Mocidade visitou o «Lar de Jesus», templo de amor erguido por Da Marília para abrigar a infância abandonada. Se fossemos materialista e ainda poderíamos dizer que ela não morrerá pois que continua vivendo no «Lar de Jesus» pois quem vê a obra vê o seu criador. E Da Marília vive também nos corações de seus filhos espirituais. E na nossa lembrança, na saudade.

Mas deixemos que fale aquele que foi o seu companheiro de lutas — deixemos que fale Leopoldo Machado:

CRÔNICA DE SAUDADE

A SAUDADE DA QUERIDA ESPOSA

Por LEOPOLDO MACHADO

A Saudade é dor que não dói. Maritiza, deliciando, o maritizado, porque nos põe a pessoa ou coisa que a provoca presente ao pensamento e sentimento. «É a presença dos ausentes», como diz o poeta. Não será, também, a presença em espírito dos ausentes queridos? — Tua saudade, querida companheira, se me figura com a dupla natureza!

Parafraseando os versos altruísticos de F. Olaviano, aqui deixo estas rimas pobres e verdadeiras:

Quem passou pela Vida sem trabalhos,
E nos Gozos da Vida se perdeu;
Quem nada fez de bom e útil na Vida,
«Quem passou pela Vida e não sofreu»,
Foi espírito de gente, não foi gente:
«Só passou pela Vida, não viveu».

Viveste de mais, portanto, querida companheira, porque tua vida foi um rosário de trabalhos úteis e bons. De trabalhos, de dedicação aos outros, à margem dos prazeres do mundo e fazendo o bem por amor ao Bem foi a religião melhor de tua vida!

Não fosse, assim, espírito de gente. Foste um Espírito consciente de si mesmo, que fez da vida na carne e na Terra uma grande escola de aperfeiçoamento cristão e aprendizado moral.

Os trabalhos madrugaram para tua vida. As bonecas de tuas brincadeiras de criança foram animadas, porque tuas irmãs — e foram doze — que ajudaste a criar, ajudando, assim, a mamãezinha querida.

Na juventude, a par desses trabalhos santificantes, fizeste o curso normal, candidata à profissão útil e mais sacrificada, preparando-te a lidar com filhos dos outros.

Esposa de professor, ajudaste-o, abnegadamente, à frente de dois gniários e na contradição de um deles.

Foste mãe de um único filho morto, robusto e belo, para quem sentiste, com o espóso, que ambos podiam ser pais, mas que a missão de ambos era lidar com filhos dos outros, serem pais espirituais de filhos alheios.

Quando pensavas, aos 44 anos, que podias descansar de tais canceiras redentoras, saí de teu coração e de tua iniciativa o «Lar de Jesus». Estes, os teus gozos na Vida!

Aos nossos assinantes

Solicitamos de todos os nossos assinantes o favor de remeterem toda correspondência relativa a esta folha diretamente à gerência do jornal, em nome de Vicente Richinho, para a caixa postal 65.

ASSINEM A «A NOVA ERA», JORNAL DE MAIOR TIRAGEM EM FRANCA

Livraria «A NOVA ERA»

CHEGOU!!!

Grande e variado estoque das melhores e mais conhecidas obras espíritas. Os melhores livros da atualidade.

— Rua Campos Sales, 929 —

Cx. Postal 65

Franca — E. S. Paulo

Gozos que te afastaram, completamente, das futilidades da moda, que mataram em ti o gosto e o tempo para batonares os lábios, rebocares as faces e polires as unhas.

Se a força dos exemplos do espóso viesse para o Espiritismo, empurrate o espóso para o espiritismo social e cristão, que não era o seu espiritismo.

Ninguém sentiu melhor o caráter humanitário da Doutrina Espírita! E ninguém viveu melhor este caráter, com tanta modestia e despreendimento, tão à margem dos favores oficiais e das retumbâncias, cabotinas da imprensa, pois, o que na imprensa se disse de ti e de tua obra, foi a tua revelia e até, com os teus protestos!

Dir-se-ia que o culto da Família era o teu culto maior. Impossível haja quem tanto quisesse aos seus.

E quem fosse, por isso mesmo, tão querido e respeitado por todos os seus.

E, de seu culto à família, o amor ao espóso, impulsivo e combativo, era a sua manifestação maior.

Passaste, boa amiga, por uma vida assim, cristãmente, superiormente.

Não morreste, porque não se morre, que a morte não existe. Mudaste, apenas, de ambiente e de planos, passando para o plano espiritual, para ambiente melhor e mais puro, deixando em quantos te conheceram de perto uma saudade que não se apagará facilmente.

Bela? Não tiveste nenhuma beleza física?

Rica? Não amanhaste a moda da Terra. E chegaste a pedir a Deus nunca te desse a prova dolorosa e trágica dos bens da Terra.

Grande? As posições sociais de destaque e as competições políticas não te seduziram. Aproveitavam-te.

Fizeste, apenas, o bem pelo amor do Bem!

Tua ausência, querida companheira, deixa vãos enormes na vida de teu companheiro, na direção das obras que fundaste, no seio de tua família e no meio espírita de cá.

Mas, deixa, também, lígias magníficas de renúncias, exemplos de dedicação e modelos de virtudes cristãs sem nome...

E deixas o companheiro sem a compensação de filhos consanguíneos, a despeito das quatro superiores compensações que lhe animarão a velhice que chega, lentamente: 1) A Doutrina que nos immanou; 2) O trabalho regenerador à frente das obras que deixaste; 3) O conforto de nossas famílias, que formam, mercê de Deus, uma colmeia humana em que são todos por um, em que um sente a falta de todos; 4) O meio espírita de cá, que é, felizmente, um e coeso nos trabalhos do Mestre e Senhor.

«Que responsabilidade, meu Deus!» Foram tuas últimas palavras bem claras.

De quem?

Dos que ficam, certamente, ocupando os lugares vazios que deixaste, será?

Até breve, companheira querida!

Aniversário...

Aniversariou no dia 6 do corrente o Dr. Tomaz Novellino, grande amigo da «Mocidade», a «Mocidade» prestou-lhe singela homenagem oferecendo-lhe, uma reunião festiva que consistiu de números de poesia, canto e esquetes. Ofrereceu-lhe um retrato de João Henrique Pestalozzi, o grande mestre de Kar-

TERRA SEM DEUS

ROMANCE MEDIÚNICO
Francisco Spina

(Continuação)

Capítulo XIV

O Espírito de Euzébio aproximou-se do rapaz: — Como vai, irmão Erasto? — Bem; tu e mamãe não se acompanhaste nesta viagem do Ceará para aqui? — Garajau! — Sim, meu amigo. Não tenho recebido. Sonhos teus análogos, e viemos até cá, para te provarmos que nos estamos sempre juntos!

Vamos nos retirar deste recinto, irmão Euzébio! — disse a mãe de Erasto.

Vamos, minha boa amiga. De um lado sua mãe, de outro Euzébio, viu-se Erasto no meio de uma atmosfera saturada de fluidos e, atravessando grades e portas, deixou seu corpo sobre a esteira.

Antes que transpusesse a última porta, que dava para a via pública, Erasto se pôs a gritar e fazer força para saltar e retornar ao seu corpo. Pensava que aquelas figuras de espíritos, que tinham ficado próximas à porta, iriam trucidar seu corpo, que dormia.

Mas Euzébio lhe fez ver: — Não te desanimes, não te desanimes, que ninguém tocará no teu corpo! Esse cordão fluidico que ainda te liga a ele ninguém poderá cortar! São irmãos mágoas que não, incumbidos dessa missão divina, poderão fazê-lo. Vamos sair lá para fora e lá verás novamente o mundo material, como o viste em Bela Vista. Aqui é triste o panorama dos espíritos desencarnados; são só de negros que outrora eram escravos. São esses que te causam pavor.

— Mas se já sofreram tanto como escravos, porque não estão agora na paz do Senhor?

— Nem todos os que erem no Senhor são resuscitados para as boas manadas! Não disse o Cristo: «Em todo o que me diz Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus»? E preciso ver seus pensamentos, se estão de acordo com as leis da evolução; é preciso saber se já estão com as suas virtudes aperfeiçoadas.

E continuou: — Agora, Erasto, já venceu o temor, irmãos ate onde se encontram teu pai e tua irmã.

Mas, Euzébio, a caminhada é longa! Quando chegarmos lá, já o sol estará surgindo. E o meu corpo, como é? Fica lá sozinho na esteira?

— Não temas, Erasto! Se tiveres fé, nada de mal te sucederá.

Mas antes que Erasto pudesse retrair-se, abriu e fechou de olhos estas no terceiro e último momento, onde iria visitar sua família.

Erasto permaneceu perplexo, em ver a grande realidade da vida fora do corpo carnal!

Que achaste da viagem, meu filho?

— Parece que estou acordado, mamãe! Não posso ainda compreender esta sublimidade!

Chama-se a isto um «desdormimento», que o Espírito encarnado pôde executar, quando quer fazer uma visita a um amigo ou parente, mas para isso é preciso que o Espírito, livre, fique ligado ao corpo por um cordão fluidico, como estas, ao passo que nos não o estamos.

— Mas a senhora não tem corpo material, e como é que viaja pelo espaço, sem esse cordão fluidico?

— Sim; nós não temos esse corpo, e justamente por isso nos locomovemos aqui com muito mais facilidade que tu. Não, não possuímos a perfeita combinação com Deus, que nos permite transpor o espaço a to das as distâncias. Tu não o podes fazer, porque, mesmo com o espírito desencarnado, precisas ficar ligado ao corpo carnal. Se se rompesse essa ligação, dar-se-ia contigo o que os homens chamam de «morte»!

Se tua missão na Terra for desempenhada a contento de Deus, também te serão concedidos estes poderes. Por isso, coragem e sobretudo muita fé e confiança durante as provas a que estás sujeito na Terra.

— Agora, vamos ver nossos amigos, no plano da realidade.

Entrando todos, continuou a mãe de Erasto:

— Aqui estão eles, entregues ao sono.

— Porque não estão eles fora do corpo, como eu, mamãe?

É porque, estando tão encarcerado, não podem saltar na tua provação. Terás que forçosamente reparar no cárcere as falhas de tua encarnação passada, e o pagamento de tua dívida já está, pois, garantido. Quanto a eles, não! Terão que enfrentar ainda as aguias da vida; e o pagamento de suas dívidas ainda depende de suas ações. Derivado de dois dias, Aparecida e teu pai sairão daqui, em companhia do vigário. Nessa fuga, pois, será uma fuga que o nosso irmão Euzébio irá preparar, teu pai sucumbirá no caminho. Aparecida e o vigário alcançarão a cidade de Alterosa, onde cometerão o fracasso de nossas missões em vida anterior, pelo ódio que votávamos aos que nos injuriavam. Ali, nova etapa de vida terá início no coração de tua irmã.

A noite já lá adiantada, e a mãe de Erasto o aconchegou:

— Agora, meu filho, é preciso que vás para junto de teu corpo material e o retomes, pois os galos já estão anunciando a madrugada. Irás dormir, com teus próprios recursos.

..

Já era manhã, e desmontou do sol, por detrás dos montes, a passarela fazia uma grande algarazara. A jurru, com seu canto tristonho, vinha tirar o sereno de sua melancolia; a araponga, o berr-te-vi, com seus cantos estridentes, cooperavam para o encanto daquela manhã, quando um sino, com som de rachado, veio fazer emudecer o gorjeio da passarela que, liberta, se sentia tão feliz, num verdadeiro contraste com aqueles anjinhos que dormiam no paiol!

Era um sino dos tempos coloniais, que servia para despertar os escravos para o trabalho na roça. Esse mesmo sino vinha despertar agora os antigos habitantes de Bela Vista.

Era aquele o primeiro dia em que aquela humilde gente era obrigada a trabalhar na fazenda.

HERANÇA DO PECADO

Um livro que deve ser lido por todos os amantes de leituras saudáveis e instrutivas.

Gráfica «A Nova Era»

Confeciona com capricho e presteza qualquer serviço do ramo

Rua Campos Sales, 929

FRANCA

E. S. Paulo — Linha Mogiana

BAILES

Cada um analisa conforme pode!

Em a edição deste órgão de difusão espiritual, de 31 de agosto, p.p., li um escrito sobre «Bailes e a mocidade» de autoria do confrade, Agnelo Morato: — e sendo a função desta folha esclarecer e não confundir, dirijo-me através da sua, ao confrade perguntando: — não está excessivamente rigoroso? Não está condenando o baile em si, quando devia condenar — orientando — os abusos que no mesmo se praticam? Bem sabemos que a água é remédio quando bem usada, sendo veneno quando em excesso, assim, tudo também. A coisa em si nem sempre é má, mas o mal está no abuso que se faz da coisa. Ora, convenhamos que a música é tão Divina quanto a oração, — é o ir mais bem sabe que tanto se abusa da música, como da oração. Se os homens estivessem em grau de equilíbrio moral, o baile seria tão santo, como um templo de oração. A harmonia da música ligada à arte dos movimentos na dança, ninguém pode, nem deve, condenar, pois é Divina. O que devemos é de nós mesmos dever — estorçarmos primeiro na Auto-Educação dos sentidos, depois, pulso no arado sem olhar para trás, levemos aos Pais o ensinamento advertindo-os que os «filhos» fazem o que viram na casa de seus Pais» (S. João), depois aliando-nos a eles, vamos à juventude e à infância, ministrando primeiramente «alimento de leite» (Paulo) depois, outros conhecimentos, afim de que possam eles entrar, e sair e encontrar passagens», (evangelho) na sadia harmonia da música e da dança. Ambas são Artes Divinas e não podemos condená-las, sob pena de estarmos querendo tirar o «cisco do olho do irmão, tendo em o nosso uma treva, o que devemos é corrigir o «abuso» sem proibir o uso!... Prezado confrade: não o quero corrigir com Jesus e seus enviados, porém, não devo temer de falar aquilo que julgo ser verdade, ou estar mais de acordo com os ensinamentos da Doutrina que professamos. Escreverei pois, não com o espírito de contenda, mas na vontade de ajudar num assunto de capital importância, à juventude Cristã. Por ventura, o irmão não poderia com sua companhia entrar em um ambiente de um baile formado de pessoas esclarecidas e de lá sair tão confortado como se tivesse ido a um templo de oração? Sim, é verdade, este ambiente é que é difícil, porém, não impossível. Portanto, nosso dever, está em construir. Na Sociedade corrupta, devemos ser incorruptíveis, «o sal da terra». Nas trevas dos salões de luxúria, volúpia etc. devemos levar a luz, «vos sois a luz do mundo...» com o ensinamento puro partindo de nós mesmos mostrarmos que é a Dança, Arte Divina, e não mero gozo da carne. Devemos mostrar que o salão da Arte musicada ou dançada deve ser tão respeitado como a casa de oração. Assim como um dia a humanidade cultural o estabou como o lar. Então, irmão estaremos com Jesus: — Não viemos para destruir, mas para construir o bem, dentro do mal. Não devemos proibir o uso, mas ensinar a usar, evitando-se o abuso. Cuidemos de regar bem os corações da juventude com a água da Fonte Divina, para que o trigo abafe o joio, não arranque o joio pois com ele poderás arrancar também o trigo». Depois destas considerações, vejamos o que nos diz Caldeirão, Mentor de André Luis, sobre o assunto. Pergunta André: «Será crível dançar? Buscar alegria constituindo falta grave? Resposta: — O ato de dançar pode ser tão santificado como o ato de orar, pois a alegria legítima é sublime herança de Deus. Aqui, porém o quadro é diverso, o bailado e o prazer nesta casa significam declarado retorno aos estados primitivos do ser, com iniludíveis agravantes de viciado dos sentidos». Olharmos neste recinto, homens e mulheres dotados de alto raciocínio, mas assumindo atitudes de que muitos sinos talvez se pejassem. Todavia, esteja longe de nós «qualquer recriminação»: lastimemo-nos simplesmente. São transfusões sociais, e, na maioria, rebeldes à disciplina instituída pelos Desígnios Superiores para os seus filhos terrestres. Muitos deles são profundamente infelizes, precisando de nossa ajuda, e compaixão. Procurem afogar no vinho ou nos prazeres certas noções

de responsabilidade que não logram esquecer. Fracos perante a luta, mas dignos de piedade pelos ramos e tribulações que os devoram, merecem ser amparados fraternalmente. Depois de analisarem as entidades desencarnadas, que ignorantes de si mesmas, ali estavam atiradas pelo magnetismo viciado dos encarnados, (que são doentes representantes de outros doentes), acrescentou: — «A dança, nesta casa, não lhes deixa de ser, em última análise, um benefício. Chegaram nossos amigos encarnados e desencarnados, aqui presentes, a nível tão desprezível que, sem dúvida, não fora o separado, estaríamos rodando lá fora, em atos extremamente condenáveis, tal a predisposição em que se encontram para o crime. Que o Pai se comiser de todos nós».

(No Mundo Maior pag. 183 e 184) Vemos meu irmão, que minha análise assemelha-se com as instruções espirituais e, notemos bem que o recinto nela referido, era um ambiente de absoluto desequilíbrio moral, onde se reuniam entidades a fim de vício da bebedeira, no gozo animalístico. Era uma casa de perdição, semelhante a muitas usadas, e exploradas comercialmente. Mas, um recato seletivo, pelas intenções de moralidade e é sempre um santuário, onde reverencia-se o Pai, na Música e na Dança, servindo de ambas a felicidade e alegria que sempre existirá no coração das Almas bem «formadas». Sendo no entanto o ambiente da situação, um outro corrupto, ainda era para aquelas entidades uma «benção» que as limitava na ação do mal maior. Que nosso Mestre possa iluminar sempre nossos corações, afim de sabermos fazer bom uso de suas palavras, vivendo-as em nossos atos, onde nossos filhos serão contaminados pela exemplificação, crescerão e darão frutos de conformidade com o que «viram e aprenderam na casa de seus Pais». Feliz do filho que na terra é Pai, mas devemos evitar que sejamos padrastrô.

João Ramos de Sá

N. R. Ao darmos publicidade ao presente artigo, fica bem claro nosso programa liberal para com todos os colaboradores e confrades.

Na próxima edição voltaremos ao assunto dos BAILES para fazeremos considerações sobre a defeza que lhes faz a preciosa articulação deste arrazoado.

Antes, porém, aqui deve ficar patente que não houve rigor no artigo de nosso redator quando fez severas críticas aos bailes atuais.

Infelizmente, não confundimos, jamais, por estas colunas aquilo que é decadência moral de nossos dias. Forçar discussões sobre ponto de vista tão ingratuito, chamar atenção dos nossos espíritos para esse particular, é obra meritória. Os desmandos dos bailes de nossos dias são responsáveis diretos por inúmeros dolos morais. Por isso, cremos não pode haver meio termo onde o erro é maior e confundem-se nas falsas convenções.

Aos nossos assinantes

Aos nossos presados assinantes residentes nas localidades fora dos itinerários dos nossos viajantes, vimos solicitar que nos auxiliem com a remessa das importâncias de suas assinaturas, visto atravessarmos uma época de prementes dificuldades.

A contribuição módica de cada um, será para nós valiosa cooperação, pelo que antecipadamente agradecemos.

A GERÊNCIA

Tendes interesse nas publicações espíritas?

Tornai-vos assinante desta folha, remetendo-nos vinte cruzeiros, e a receberdes regularmente todas as quinzenas

Movimento Hospitalar da Casa de Saúde «Allan Kardec», durante o mês de setembro de 1949

SECCÃO MASCULINA:

Existiam em tratamento 79
Entraram durante o mês 9
Total 88

Tiveram Alta:

Curados 2
Melhorados 3
Falecidos 0 5

Existem nesta data 83

Os entrados são:

1 — Amaro Inácio Alves, 29 anos, casado, bras., branco, proc. Monte Santo de Minas — Est. Minas.
2 — Oswaldo Catalani, 20 anos, solt., bras., branco, proc. Orilândia — Est. S. Paulo.

4 — Messias Rodrigues, 51 anos, casado, bras., pardo, proc. Franca — Est. S. Paulo.

5 — Antonio Umbelino Peixoto, 76 anos, casado, bras., branco, proc. Cássia — Est. Minas.

6 — Argemiro Menezes, 38 anos, casado, bras., branco, proc. Franca — S. Paulo.

7 — Humberto Primo Gregório, 51 anos, casado, bras., branco, proc. Monte Santo de Minas, Est. Minas.

8 — Francisco Ribeiro Borges, 60 anos, solt., bras., branco, proc. Araxá, Est. Minas.

9 — Pedro Del Bianchi, 28 anos, solt., branco, bras., proc. Miramontes, Franca, Est. S. Paulo.

Os curados são:

1 — Filogomes Silva, 37 anos, solt., bras., branco, proc. Franca, Est. S. Paulo.

4 — Alonso Joaquim da Silva, 49 anos, casado, preto, bras., proc. Patrocínio Paulista, Est. S. Paulo.

Os melhorados são:

1 — Antonio Plácido, 35 anos, casado, bras., branco, proc. Ibiraci, Est. de Minas.

2 — Antonio Raimundo Pereira, 20 anos, solt., bras., branco, proc. Franca, Est. S. Paulo.

3 — José Emídio Machado, 32 anos, solt., bras., branco, proc. Monte Santo de Minas, Est. Minas.

SECCÃO FEMININA

Existiam em tratamento 92
Entraram durante o mês 7
Total 99

Tiveram Alta:

Curadas 6
Melhoradas 2
Falecidas 0 8

Existem nesta data 91

As entradas são:

1 — Rita Augusta de Sousa, 48 anos, casada, bras., branca, proc. Itajubá, Est. S. Paulo.

2 — Arinda Costa, 39 anos, solt., bras., parda, proc. Guará, Est. S. Paulo.

3 — GERALDA MARIA DE JESUS, 30 anos, casada, bras., branca, proc. Itamogi, Est. Minas.

4 — Carmen da Silva, 18 anos, solt., branca, proc. Buri-tal, Est. S. Paulo.

5 — Joséfa Ana de Jesus, 35 anos, viúva, bras., branca, proc. Palestina, Est. S. Paulo.

6 — Maria Justina, 40 anos, casada, bras., branca, proc. Cássia, Est. Minas.

7 — Esperança Marque, 34 anos, casada, bras., proc. Mirasol, Est. S. Paulo.

As curadas são:

1 — Maria Geralda Augusta, 28 anos, casada, bras., branca, proc. Cássia, Est. Minas.

2 — Avelina Leite da Cunha, 19 anos, casada, bras., branca, proc. Guia-Lopes, Est. Minas.

3 — Angelina Moura, 59 anos, casada, bras., proc. Franca, Est. S. Paulo.

4 — Isaura Soares, 19 anos, solt., bras., branca, proc. Franca, Est. S. Paulo.

5 — Arinda Costa, 39 anos, solt., bras., parda, proc. Guará, Est. S. Paulo.

6 — Ana Marangoni, 48 anos, viúva, italiana, branca, proc. Franca, Est. S. Paulo.

As melhoradas são:

1 — Luzia Corrêa, 27 anos,

casada, bras., branca, proc. Guará, Est. S. Paulo.

2 — Amélia Sofia de Oliveira, 59 anos, casada, branca, italiana, proc. Franca, Est. São Paulo.

1 — Rosália Archilla, 66 anos, casada, hespanhola, branca, proc. Itajubá, Est. S. Paulo.

Cartas Respondidas 1693
Receitas Aviaadas 59
Curativos Diversos 12
Injeções Aplicadas 966

Franca, 30 de setembro de 1949

José Russo

Provedor-Gerente

Dr. J. Matias Vieira

Diretor-Clinico

Dr. T. Novellino

Vice-Diretor-Clinico

Dr. Jairo Borges do Val

Assistente

CASA DE SAUDE «ALLAN KARDEC»

DONATIVOS RECEBIDOS

Franca: Alacrinio Figueiredo, 1 saco de arroz beneficiado; Joaquim Pio Figueiredo, 1 saco de café beneficiado; José Berdú Garcia, 1 saco de batatas; Luiz Zonetti (Faz Cachoeira) — 1 saco de feijão; Hermínio Teixeira do Amaral (Faz. S. Manoel) — 1 saco de arroz em casca; Joaquim Garcia Lopes, cr\$. 20,00; Hotel Francano, 200,00; Carmelino Corrêa Junior, 50,00; Messias Santana, 10,00; por intermédio do sr. Joaquim de Paula Marques, 281 quilos de arroz em casca e 177 quilos de feijão.

Guaratingueta, José Selles, 100,00; — Londrina, Paulo Pikina, 10,00; São Manoel, Noel Vitorino, 20,00; Pratópolis, Antonio Cândido Vieira e Silva, 100,00; São Paulo, R.A.K., por intermédio de Da. Alzira de Freitas, 50,00; S. José do Rio Preto, Oswaldo Boldini, 10,00; Jundiá, Antonio Maciel, 10,00; Campinas, Rosendo Meleiro, 8,00; Ituverava, por intermédio de Maximino Malta, 85,00; Passos, Durvalino Soares Bueno, 20,00; Maracal, Durval Duarte Ribeiro, 100,00; São Paulo, Jesulmina Rebelo, 10,00; Conquista, José Sábio Garcia, 20,00; Patrocínio Paulista, Jerônimo Dias, 1 saco de feijão.

Por intermédio de Antonio Alves Passos: Garimpo das Capões, 235,00; São José da Bela Vista e Igacaba, 214,20; Pedregulho 355,00; Buritizal, 127,00; Rifaína, 125,00; Conquista, 520,00; Sacramento, 211,00; por intermédio de Luiz Diogo Pereira: Patrocínio Paulista, 30,00; Cássia, 237,00; Itapuan, 15,00; S. José da Capetinga, 45,00; Ibiraci, 60,00; Passos, 674,00; S. João Batista da Glória, 100,00; Pratópolis, 22,00; S. Sebastião do Paraíso, 42,00; Ouro Fino, 255,00; Maria da Fé, 100,00; São Lourenço, 275,00; Trez Corações, 105,00; Varginha, 432,00; Machado, 105,00; Guaxupé, 508,00; Monte Santo de Minas, 462,00; por intermédio de Da. Elvira Pereira: Brodosqui, 80,00; Ouro Fino, 218,50; Santa Rita do Sapucaí, 429,60; Pouso Alegre, 310,00; Itajubá, 214,00; Maria da Fé, 63,00; Cristina, 94,00; São Lourenço, 315,00; Passa Quatro, 190,00; Caxambu, 176,00; Baependi, 118,50; Trez Corações, 229,50; Varginha, 170,00; Alfenas, 317,00; Machado, 888,70; Cabo Verde, 302,80; Muzambinho, 40,00; Guaxupé, 181,00; Monte Santo de Minas, 603,00.

Franca, Otávio Batista Ribeiro, 1 saco de batatas; José Penha, 1 saco de batatas; Clemente Botelho, 1 saco de batatas; Da. Idalina Marinho Fonseca, 3 cobertores; Antonio Batarra, 1 saco de batatas; Joaquim Alves Faleiros Junop, 282 quilos de feijão e 60 quilos de café beneficiado; Francisco Parra, 1/2 saco de batatas; José de Brito, 1/2 saco de batatas; Euripedes Machado & Cia., 100 quilos de carne de vaca; Da. Maria Lourenço, 7 camisas para homens; Francisco Marconi, cr\$. 50,00; Galeno Vilela de Andrade, 20,00; Da. Carmen Selles, 100,00; por intermédio de Antonio Alves Passos, 1 saco de batatas. Nupuranga, Gildo Pucci, 20,00; Uberlândia, José Francisco Salles, 100,00; Rifaína, José Mendonça, 1 saco de arroz em casca e 1 saco de café em côco; Fazenda Borda da Mata, Antonio Juvenino Custódio, 1 capado; Monte Santo de Minas, por intermédio Da. Elvira Pereira, 1 saco de feijão e 1 saco de batatas.

Retificação:

Retificação de nome, publicado em 15/9/49:

Francisco José Pereira e sua esposa Da. Ana Maria de Jesus, doaram à Casa de Saúde «Allan Kardec», a importância de cr\$. 10.000,00.

Em nome da Casa de Saúde «Allan Kardec», agradeço a todos os bondosos doadores e rogo ao Altíssimo para lhes conceder a devida recompensa.

Franca, 4 de outubro de 1949

José Russo — Provedor-gerente.

A PRESENCIA DA NATUREZA
A EVOLUÇÃO TERRESTRE
A ORIGEM DO HOMEM

Preciosa obra do confrade
ANTONIO ZACCARO
brochado Cr.\$ 12,00

Paralela à formação e ao desenvolvimento do psiquismo, também se dá a dilatação do egoísmo que, sentindo-se uno com todos, acaba de abraçar a todos no próprio cálculo edonístico. E um aumento de compreensão, até ao amplexo a todas as criaturas irmãs; a amplitude do amplexo indica a da compreensão: processo de auto-eliminação das formas inferiores, como vimos na evolução. Não se trata de um altruísmo abstrato, sentimental, sem razão e sem utilidade; mas, de um altruísmo sólido e resistente, porque utilitário. A Lei não se manifesta como princípio abstrato, aparece continuamente como manifestação concreta, personificada nos seres, que, em suas formas de vida, lhe representam os artigos. O egoísmo é a expressão de uma insuprimível força centralizadora e protetoras individualidades. A luta contra tudo o que não é o eu constitui a primeira expressão e a provada formação de um dado tipo de consciência que, do momento em que se mostra na vida, tem que se defender a si mesma: consciência e egoísmo de indivíduo, de família, de grupo, de povo, de raça, cada vez mais vastos, consciência de uma distinção absoluta entre o eu e o não eu. A dilatação não pode produzir-se, para conservar a estabilidade dos equilíbrios, senão quando se tenha dado a estabilização do tipo de consciência e do egoísmo inferior.

Altruísmo, pois, não é renúncia, mas expansão de domínio; não é chegar a si, como seus semelhantes, um número, cada vez maior de seres é multiplicar de potência, é um encontrar-se a si mesmo, é reviver nesses seres uma vida multiplicada. Porém, se esses casos máximos de altruísmos integrais são patrimônio do super-homem atual, que raramente sabe estender o seu egoísmo além do círculo familiar, os tomará hoje como casos extremos, dos quais, para aproximá-los, terá de lutar por meio de sucessivas aproximações, ampliando os confins do eu, até abranger um dia a humanidade terrena e as humanidades, que ele virá a conhecer, de todo o universo. Quando o herói morre pela nação, o mártir pela humanidade; quando o gênio se consome pela ciência, seus egoísmos são tão amplos, que não são mais os conceitos. Entretanto, naquele momento, podem eles dizer: sou a nação, sou a humanidade, sou a ciência, pois que suas consciências se acham unificadas com a nação, a humanidade, a ciência.

Também, o animal há percorrido esse caminho e fixado, na fase de assimilação completa dos instintos, esses altruísmos, que mais não são do que egoísmos coletivos, porquanto ele há realizado a sua evolução social em formas mais simples, porém mais evoluídas, na sua simplicidade, e mais estabilizadas. E vos dá exemplo de altruísmos que ainda tendes de conquistar. A abelha morre sacrificando-se em defesa do cortiço e não se limita a isso, senão que também recolhe mel com que, depois da sua vida breve, se alimentarão as obradeiras irmãs, que ela não conhecerá, que ainda terão de nascer; não sobrevive isolada, mes-

mo que provida de tudo, porque a virtude de sentir-se célula do organismo coletivo nela se torna instinto e necessidade; morre de fome, afim de deixar todo o seu mel, em caso de penúria, à sua rainha, para que unicamente sobreviva esta, que representa a raça. Altruísmos para vós heróicos, na fase das formações coletivas, grandes virtudes que fixam os instintos do futuro; equilíbrios já agora espontâneos, estáveis, porque utilitários, isto é, correspondendo à lei do meio mínimo, instintos assimilados e não mais virtudes (ou seja: fase de formação), nas sociedades animais já constituídas.

Quando a abelha se sacrifica pela sua família, não é a abelha que pratica um ato de altruísmo; é a família que, conquistado o instinto do seu mais vasto egoísmo coletivo, egoisticamente lança e sacrifica, pelo seu bem, a célula abelha. O homem considera heróico aquele ato, por que o aplica a si próprio e refere à abelha o conceito de altruísmo que, em circunstâncias semelhantes, aplicaria a si mesmo, se de tal modo se comportasse, sem compreender que a sua natureza é completamente diversa e que ele se acha noutra fase. No homem, aquele ato não é a expressão de uma necessidade, qual a impõe o instinto está na fase formativa (virtude), em que, como vimos, o ato implica esforço e é sentido na consciência. Se, na abelha, o ato em questão já foi praticado na fase instintiva, subconsciente e espontânea, no homem, seria um ato ocorrido na fase a que ele já chegou, fase inicial de formação, fase heróica, virtuosa, laboriosa, consciente. Também a vós a necessidade do trabalho imporá a colaboração, como uma vantagem; a necessidade da conjugação de fins cada vez mais vastos, irrealizáveis de outro modo, apertará esse amplexo entre as gerações velhas e as novas, que hoje mal se conhecem; um princípio de ordenação política mundial se imporá, como uma grande poupança de energias, que se encaminharão para uma utilidade mais alta, que não a luta recíproca entre povos. Cola-

boração e supressão da forma cruenta de luta estão no caminho da ascensão social. As vias do utilitarismo convergem para as da evolução moral.

(Do livro, «A Grande Síntese», do prof. Pietro Ubaldi)

AVISO IMPORTANTE

Comunico aos interessados em internar doentes na Casa de Saúde «Allan Kardec», que, devido à situação atual e a superlotação do hospital, estão canceladas todas as entradas, até maiores possibilidades. O acúmulo de enfermos tem causado sérios embaraços à administração do estabelecimento, tornando-se imperioso reduzir o número a um quociente menos elevado.

Este aviso é, portanto, dirigido a todos, inclusive às Prefeituras Municipais e Delegações de Polícia.

Aqueles, pois, que trouxeram doentes sem lugar previamente marcado, ver-se-ão na contingência de voltarem, sofrendo prejuízos inúteis.

José Russo — Provedor

Natal na Casa de Saúde «Allan Kardec»

Como acontece sempre, a Casa de Saúde «Allan Kardec» comemorará neste ano, também, o Natal de Jesus, proporcionando aos seus enfermos internados mais uma de suas tradicionais festas e um lauto almoço, querendo como isso dar-lhes alguns momentos de merecida alegria e maior conforto nesse dia justamente consagrado como o maior pela família cristã.

A todos, pois, que desejarem cooperar nessa iniciativa justa e caridosa, rogamos enviarem sua contribuição por nosso intermédio ou diretamente aquele estabelecimento.

Para essa finalidade, temos o máximo prazer de enviar listas aos que tiverem a gentileza de nos solicitar.

Mocidade Espirita

(Saudando, as irmãs Steagall, em homenagem, sincera, à mocidade espírita do Brasil)

Avante mocidade brasileira, Marchal serena, aliva e prazenteira. Sempre animosa e cheia de vigor, Em sempre exemplo e eterna luz, Por norma tendo o Juízo Jesus, A projetar effluvio e resplendor.

Segui, portanto, ufana e majestosa, Qual falange imponente e valerosa, Em desempenho honroso e consagrado, Trianho sempre a estrada auriílgente, Numa luta gloriosa e permanente, No exercício do amor alancorado.

Jesus, enfim, alerta a mocidade A prosseguir no amor e na verdade, Em ascensão de luz e de esperança, Num progredir constante e perenal, Em mansidão, no afago e no moral, Para alcançar a bemaventurança.

Leonardo Severino

São João da Boa Vista, 8-9-1949

Registrada no CNP sob nº 60, em 23-3-1942 — Inserida na M.T.C. sob nº 15.130, em 19-5-1943

— Franca (Est. de São Paulo) 15 de Outubro de 1949 —

“MAMÃE” MARÍLIA

AGNELO MORATO

O acontecimento do dia 13 de setembro, desse ano, em Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, foi a própria emoção dos Espíritos do Brasil, falando de sua sensibilidade.

O passamento da admirável companheira do querido prof. Leopoldo Machado, de súbito, ficou acelerando o ritmo de nossos corações.

Marília Machado, a esposa dedicada, a irmã comum do ideal do illustre escritor patricio, o animador das mocidades espíritas de nossa Pátria, esse mesmo Leopoldo Machado que vive na intimidade de nossos anseios doutrinários, é bem mais do que a mulher na vida do homem, é bem mais do que o ensino dentro do trabalho cristão que se realizou em correspondência com a prática do idealismo puro!

Vive-la, pessoalmente, nos dias memoráveis do 1.º Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, em julho de 1948.

No noite dedicada a diversos Estados do Norte do País, foi que a vimos pessoalmente, já que, de outro modo, era-nos ela tão familiar.

Leopoldo não a apresentou. E sentíamos, de perto, a personalidade que tantas vezes nos havia encantado pelo deslumbramento de suas realizações.

Os jornais sempre nos traziam notícias dela. Educadora que, em companhia do companheiro, realizava palestras por diversas cidades do Brasil e que, pelo exemplo e estímulo, incentivava a mulher espírita ao trabalho de reeducação.

Mais tarde o empreendimento «Lar de Jesus», que ficou como ponto de referência na magnífica Nova Iguaçu, veio dizer a todo o mundo que outro marco de atividades nobilitantes estava cingindo-lhe o nome para animar-lhe o desenvolvimento inquebrantável.

Quando tivemos a oportunidade de reconhecer-na naquela apresentação, suas virtudes inatas estiveram misturando-se com nossas impressões para que a sentísse na simplicidade de uma criatura que se integrou ao trabalho mais árduo e mais sério.

Ainda para nós estava reservado, na memorável semana de 17 a 24 de julho de 1948, a melhor ocasião que nos propiciou o Congresso já referido. Foi lá a Nova Iguaçu sermos hóspedes do casal amigo e irmão... Depois... Sim, depois... conhecer a obra edificada em dois planos distintos e relacionados entre si: o material pelo que constrói o desfaz o impossível; o espiritual pelo ideal que anima e transpõe obstáculos.

Sua ação direta na parte administrativa da Instituição, seu programa educacional, a disciplina cristã a cerca de 50 crianças!... Tudo isto se consubstancia para nos mostrar quanto se pode realizar, quanto está, na nossa vontade, os princípios do Evangelho do Senhor!...

Em contato com as meninas daquela casa — Templo de Caridade na eloquência do amor cristianizado — fomos conhecer e sentir a devoção daquelas criaturinhas sensíveis e dedicadas. Fomos sentir sim a amizade que todas dedicaram.

A Mocidade Cultural Espírita de Franca passou a denominar-se «Mocidade Espírita de Franca»

exat aquela senhora invulgar que era Da. Marília A. Barbosa. Que junção de fraternidade e carinho!...

«Mamãe Marília — todas a chamavam assim. Não é tratamento convencional. É expressão sincera de afeto que ela, espontaneamente, despertou nos abrigados do «Lar de Jesus»...

xxx

O âmbito da Terra, de algum modo, sempre é relativo para espíritos eleitos no trabalho da Grande Seara. E «Mamãe Marília» deveria ser chamada para outros ministérios do Bem em campo de atividade mais ampla... E a 13 de setembro de 1949, após ter cumprido gaudiosamente seu ciclo de existência terrena, quando lhe courou de louros o sofrimento indiscutível, voltou à chamada Pátria Verdadeira.

Torremo, em torno do que se pensa sobre sua partida, julgando por muitos como prematura, mas que estava prestabelecida pela Vontade Maior, voltamos nossas considerações sobre a ocorrência e o que ela produziu na alma do prof. Leopoldo Machado.

«Velho Jequitibá, como diria o Catulo que permitia de pé após o túmulo. Sentimos bem em nós o que lhe deu no estro de adeo espiritualista.

Sua crônica sobre a esposa devotada e que a edição última do «Brasil Espírita» nos dá a ler, mostra-nos ele sublime e forte, apesar de tudo...

Suas frases, rebuscadas de ternura, são sentimentos emotivos que falam do homem confortado.

Identificamo-lo assim com a resignação e a certeza que deram seus princípios. E, em vez de lamentos, por sentir que a «Mamãe Marília» deixa cerca de 50 orfãos, todos pequeninos, e a grandeza de tudo o que espera a compensação, pois sua consorte querida foi, apenas, requisitada pelo Alto para trabalho intenso e maior na espiritualidade.

As ans do «Moço de Cabelos Brancos» aumentaram mais com as virilidades e pelo sofrimento de horas longas!...

No entanto, elas são testemunho que ficaram para honrar as atividades santificadoras daquela que partiu... Devem ser, também e sem dúvida, a melhor referência dessa vida apostolar.

Meninas do «Lar de Jesus»; jovens Espíritas!... «Mamãe Marília» voltará sim para animar-nos no cumprimento do dever. Ela é lembrança de todos os instantes, porque nos ficou de sua vida terrena, esse exemplo que é monumento de fé, renúncia e energia.

Ficou-nos de suas lições todas conjunto de ensino imperceptível que nos fala da mulher comprometida nas obrigações divinas.

Sabíamos endover sua obra de amor ao próximo. Sabíamos viver sua diligência de verdadeira discípula de Jesus e haveremos, ainda, de vê-la feliz...

E, assim, «Mamãe Marília», há de aparecer para seus filhinhos do «Lar de Jesus», com a mesma alegria e bom humor que enlaurava sua fisionomia tranqüila e contente...

Campanha da Poltrona Pro «Educandário Pestalozzi»

É-nos grato registrar, além da parte já publicada, em outro local da edição de hoje que recebemos donativos dos seguintes amigos e confrades: Cap. João Soares, Militão Plácido Barbosa, João Jacinto da Silva e Alceu da Silva Melo — todos.

dos residente em Ibiraci. Cr \$ 150,00 cada um.

Devido à lista dos doadores ser bastante extensa e estarem sempre alguns nomes em primeiro lugar, ainda não tivemos a oportunidade de fazer referências dos nomes acima, o que aqui fizemos pedindo a Deus recompensar a dádiva daquela instituição, que nos veio por intermédio desses bondosos amigos.

Agnele Morato — Secretário da Fundação Educandário Pestalozzi